

“...QUALQUER MULHER QUE SE TORNE VARÃO, ENTRARÁ NO REINO DOS CÉUS”

António Tavares

Interesso-me pelo universo das Religiões há bastante tempo. Gostaria de fazer uma licenciatura sobre Ciência das Religiões e, posteriormente, um mestrado na mesma área ou em Esoterismo Ocidental. Penso que os temas relacionados com o papel da mulher, no contexto religioso, são nucleares para compreensão de muitas questões contemporâneas. Não me foi possível ter assistido aos cursos sobre “*O Sagrado Feminino no Antigo Testamento*” e “*O Sagrado Feminino: das origens ao Cristianismo*”. Por isso, não poderia perder a oportunidade de frequentar este, que achei fascinante. À Professora Lidice Meyer e ao jornalista Márcio Campos os meus agradecimentos.

Para mim foi um deslumbramento percorrer a vida e descobrir o legado espiritual de Maria Madalena em todas as suas vertentes. Desde as representações na arte, às várias formas como é apresentada nos textos canónicos e gnósticos, passando pela sua Magdala - onde, provavelmente, conheceu Jesus - culminando na compreensão da sua dignidade de mulher e “*apostola dos apóstolos*”. Todas elas, imagens de uma Maria Madalena que, já o sabemos, nunca foi uma prostituta, apenas sendo assim chamada pela ignorância de (alguns) homens.

Gostaria de centrar esta reflexão pessoal sobre o curso “Maria Madalena: Santa e Profana”, no texto gnóstico “*Evangelho de Tomé*” (114)¹:

“Simão Pedro disse-lhes: Que Maria [Madalena] saia de entre nós porque as mulheres não são dignas da vida. Jesus disse: Olhai, eu a impulsionei para que se torne varão, para que chegue também a ser um espírito (pneûma) vivente semelhante a vós, os varões; porque qualquer mulher que se torne varão, entrará no Reino dos céus.”

Muito perturbador. Sem dúvida que todos os textos – canónicos ou não – sendo oriundos de diferentes contextos culturais e civilizacionais, são, também, reflexo das mundividências dos seus autores. Sem dúvida que as questões linguísticas da atribuição de género às palavras e aos termos devem ser levadas em conta numa análise onde o contexto é fundamental para a compreensão dos conteúdos. Mas este texto do Evangelho de Tomé parece não deixar margem para muitas interpretações.

“...*porque qualquer mulher que se torne varão, entrará no Reino dos céus*”. Poderemos sempre encontrar uma “boa” justificação para esta afirmação de Jesus, poderemos sempre descobrir uma explicação racional que resolva o nosso desconforto de cristãos. Podemos sempre “ler” o texto com um olhar sincrónico, justificando a expressão com a realidade que se vivia nesses tempos. Mas não podemos esconder que quem lia esses textos eram as pessoas desses tempos e que nesses tempos “varão” era uma pessoa do sexo masculino e “mulher” era uma pessoa do sexo feminino. Aqueles que ouviam ler ou liam esses textos não tinham outra interpretação.

Ora, esta linha de raciocínio explicitada no texto do Evangelho de Tomé, é precisamente a mesma que prevaleceu no Budismo após a morte do Buda Gautama.

Tal como acontece com Jesus, também não existem (conhecidos) relatos contemporâneos da vida e das palavras de Sidharta Gautama. Todos os textos surgem depois da morte de ambos. Não sendo validados por Eles, teremos de deduzir que teriam sido validados por aqueles que privaram com Eles e sido aceites pelas comunidades onde esses textos se

¹ “*Biblioteca de Nag Hammadi, Volume II – Evangelhos Gnósticos*”, Edições Ésquilo, Lisboa, 2005.

difundiram, mesmo que o seu conteúdo não tenha correspondido “tal e qual” à realidade dos factos ocorridos.

Talvez não sem surpresa, o Budismo e o Catolicismo seguem linhas de evolução muito semelhantes com a definição dos seus cânones e a necessidade de organização dos primeiros concílios para estruturação das práticas religiosas e definição dos dogmas fundamentais.

Segundo os textos canónicos da tradição budista a inclusão das mulheres nas comunidades monásticas deve-se à intercessão de Ananda (o discípulo mais querido do Buda) e da sua tia Mahapajapati, que o criou após a morte da mãe. Por três vezes Ele terá recusado. Após a insistência de Ananda, ao anuir, estabelece algumas regras adicionais para as mulheres que desejassem integrar essas comunidades, mas onde surgem sempre em posição secundária perante os homens. São as chamadas “*Oito Garudhammas*”, regras adicionais que não se aplicam aos monges.

Ora, a primeira das Oito Garudhammas diz²:

“Uma monja mesmo que tenha sido ordenada há cem anos, deve saudar com respeito, levantar-se do seu lugar, saudar de mãos unidas, e prestar a devida homenagem a um monge ordenado nesse mesmo dia”.

Não, não nos estamos a afastar de Maria Madalena. Pelo contrário.

Apesar de concordar com Ananda sobre a possibilidade da mulher atingir a iluminação, alguns textos canónicos atribuem ao Buda a noção de que elas não poderão atingir o estado de Buda num corpo feminino. Para algumas escolas budistas a via para atingir a budeidade passa por um estado chamado de Bodhisattva. Ora, este estado estaria reservado apenas aos seres masculinos. Essas escolas não negam que uma mulher possa atingir a iluminação. Só que isso apenas pode ser alcançado num corpo masculino. E apenas os homens podem dirigir as comunidades budistas.

A aspiração de todas as mulheres será renascer como um homem, o que pode ser alcançado pelas boas ações praticadas. Nascer como uma mulher só pode ser o resultado de um mau karma. Para os homens discípulos do Buda seria, neste sentido, impensável que uma mulher pudesse ser espiritualmente igual a eles. Isso era altamente disruptivo da mentalidade e da sociedade do seu tempo.

No seu livro “*Cave in the snow*”, Vicki Mackenzie dá-nos conta do testemunho pessoal da monja budista Tenzin Palmo³:

“Quando vim para a Índia pela primeira vez vivi num mosteiro com 100 monges. Eu era a única monja. [...] Os monges eram muito simpáticos e nunca tive problemas de assédio sexual ou coisas semelhantes, mas, claro, eu tinha infelizmente um corpo feminino. Eles disseram-me que rezavam por mim, para que eu, na próxima vida tivesse a sorte de renascer como homem para que pudesse tomar parte em todas as atividades do mosteiro. Nunca se mostravam muito agastados comigo e diziam-me que este renascimento inferior num corpo feminino não seria unicamente culpa minha.”

Existe, nos nossos dias, uma visão “*politicamente correta*” – peço desculpa pelo termo – deste problema. Alguns estudiosos afirmam, sem sombra de dúvida, que este entendimento, atribuído ao Buda, foi introduzido posteriormente, por alguém, para incriminar Ananda na aceitação das mulheres na comunidade monástica (sim, é este o sentido da afirmação!) e que as limitações impostas pelo Buda apenas se destinavam a proteger as mulheres, cuja vivência na época era absolutamente condicionada e dominada por uma sociedade fortemente misógina.

Outros estudiosos defendem a perspectiva do Buda considerando que Ele era apenas um homem do seu tempo com uma visão condicionada para ver a mulher como ser inferior e que a sua grande preocupação seria de que forma a sociedade hindu integraria a Sangha, a

² “*Cave in the snow*”, Vicki Mackenzie, Bloomsbury, New York, 1998.

³ Diane Perry, nascida em Inglaterra em 1943.

comunidade monástica, no seu todo. Outros argumentam que o Buda estaria a defender as mulheres de uma exposição social muito difícil e complicada. A violência sobre elas era um facto, já nessa época, quando não se encontravam, como era sua obrigação social, sob a proteção do pai ou do marido.

No seio do Budismo, tal como no seio da Igreja Católica, a discussão sobre o papel da mulher é cada vez mais intensa. Num como noutro lado existe vontade para a mudança. Mas ela não é determinante. São os monges budistas ocidentais os que mais se preocupam com esta situação da mulher no budismo. *“Constatar que as monjas não recebem o mesmo respeito devido a um monge é doloroso. É como ter uma espada cravada no coração.”*⁴

Não é possível, seja qual for o ângulo espiritual pelo qual tentemos entender o problema, que Seres com a dimensão espiritual de um Sidharta Gautama ou de um Jesus, possuíssem um entendimento similar sobre a realidade da mulher. Nem é possível que tendo Eles um entendimento superior do papel da mulher, abdicassem dele por considerações de conveniência “institucional” tendo em vista uma provável expansão de uma nova visão espiritual do Homem.

Foram os discípulos homens, foram os seguidores masculinos de Gautama e de Jesus, não preparados para absorverem na totalidade a mensagem dos seus Mestres, que difundiram uma visão má do papel da mulher no seio das suas comunidades, com profundas e negativas repercussões no futuro as quais, ainda hoje, fazem sentir os seus negativos efeitos, mas que as mulheres do budismo – e as do catolicismo, também - têm sabido vencer com determinação. A similitude entre estas visões do Budismo e do Catolicismo não pode deixar de merecer a nossa reflexão.

Num dos textos gnósticos mais importantes para a compreensão do papel da figura de Maria Madalena, “O Evangelho de Maria”⁵, podemos ler:

“Depois de dizer tudo isto, Mariam permaneceu em silêncio, dado que o Salvador tinha falado com ela até aqui. Então, André falou e disse aos irmãos: «Dizei o que vos parece acerca do que ela disse. Eu, pela minha parte, não creio que o Salvador tenha dito estas coisas. Estas doutrinas são bem estranhas.» Pedro respondeu, falando dos mesmos temas e interrogou-os acerca do Salvador: «Falou com uma mulher sem que o soubéssemos, e não manifestamente, de modo que todos devemos voltar-nos e escutá-la? Será que a preferiu mais do que a nós?» Então, Mariam começou a chorar e disse a Pedro: «Pedro, meu irmão, que pensas? Supões, porventura, que eu reflecti nestas coisas por mim mesma ou que minto em relação ao Salvador?»

Então, Levi falou e disse a Pedro: «Pedro, sempre foste impulsivo. Agora vejo-te a exercitar-te contra uma mulher como se fosse um adversário. Se o Salvador, no entanto, a tornou digna, quem és tu para a rejeitar? É bem verdade que o Salvador a conhece perfeitamente; por isso a amou mais do que a nós. Pois bem, envergou-nos e revistamo-nos do homem perfeito, partamos tal como nos ordenou e puguemos o evangelho, sem estabelecer outro preceito nem outra lei fora do que disse o Salvador».

Depois de [Levi ter dito estas palavras], puseram-se a caminho para anunciar e pregar.”

Mas é sempre Maria Madalena que vem em auxílio dos Apóstolos e os consola⁶: *“Não choreis e não fiqueis tristes: não vacileis mais, porque a sua graça descera sobre todos vós e vos protegerá. Antes, porém, louvemos a sua grandeza, porque nos preparou e nos tornou homens”.* Neste ponto, a nota de rodapé da edição portuguesa comenta: *“Poderia traduzir-se: «Fez-nos homem». A expressão evoca a doutrina valentiniana segundo a qual o elemento espiritual feminino se reúne com a sua contrapartida angélica ou masculina quando alcança*

⁴ “Cave in the snow”, Vicki Mackenzie, Bloomsbury, New York, 1998.

⁵ “Biblioteca de Nag Hammadi, Volume II – Evangelhos Gnósticos”, Edições Ésquilo, Lisboa, 2005.

⁶ Idem

a perfeição gnóstica... O EvT (Evangelho de Tomé) transmite um dito de Jesus no qual se afirma explicitamente a masculinização de Maria Madalena (log. 114)."

Notemos que Maria Madalena nos fala do "homem" e refere o plural "...nos tornou homens". Ela não fala apenas de si mas de todos os que se encontravam com ela. Sim, como uma verdadeira "apostola dos apóstolos". Gostaria de sublinhar uma diferença que me parece fundamental: enquanto no Evangelho de Maria se fala do "homem" no seu sentido universal, o Evangelho de Tomé coloca a tónica no homem menor, físico, sexuado, no "varão".

Tenzin Palmo afirmaria⁷: *"Eu fiz um voto para atingir a Iluminação num corpo de mulher qualquer que seja o número de vidas que tenha de viver"*.

Numa época em que se discutem pedidos de desculpa entre civilizações pelos erros cometidos no passado, que os homens sejam capazes de pedir desculpa às mulheres por todas as atrocidades cometidas sobre elas desde há milhares de anos. Talvez seja então, finalmente, possível pensar na construção de um mundo melhor.

⁷ "Cave in the snow", Vicki Mackenzie, Bloomsbury, New York, 1998.